

LAPA, José Roberto do Amaral. Discurso sobre a União Brasileira de escritores. Diário do Povo, Campinas, 27 ago. 1958.

Discurso sobre a União Brasileira de Escritores

JOSE ROBERTO DO AMARAL LAPA

A solenidade desta noite assinala, para nós campineiros, uma pública e atuante definição de atitude. Quando a diretoria central da União Brasileira de Escritores houve por bem convocar os intelectuais de nossa cidade, para um conagraçamento ativo e inadiável, aceitamo-lo como quem satisfizesse um velho desejo, nascido da atenção com que sempre acompanhamos as atividades das antigas S.P.E. e A.B.D.E., lamentando apenas, em aquelas ocasiões, a dispersão de forças. Daí, portanto, termos respondido pronto e rapidamente ao apelo dos confrades paulistanos.

Convocados por nós, os escritores de Campinas, tiveram a infeliz escolha de guindar-nos à presidência do seu núcleo. Honraria das maiores a nós outros, quando nos detemos em admirar os nomes que integram esse núcleo, dos quais, se não podemos apontar uma obra realizada, podemos, entretanto, e com muito orgulho, admirar mostras de um trabalho, que honra a inteligência campineira.

Para nós que fizemos da literatura a nossa dileta companheira das melhores horas. Para nós, que a realidade nacional impede de firmarmos que vivemos da literatura, mas não que vivemos quase para ela. Para nós, portanto, este momento é de satisfação, pois dêsse comum denominador que nos une, temos tirado através dos insidiosos caminhos do mundo as nossas melhores relações, aquelas amizades mais ternas, que num rápido perpassar de saudosa memória, nos seria o bastante, aqui trazer apenas um nome entre dezenas de outros, o do caríssimo Edgár Cavalheiro.

Senhor Presidente da União Brasileira de Escritores, se difícil reconhecemos a realidade do escritor brasileiro dos grandes centros, bem podeis, por certo, calcular o acréscimo de tropêços que se antolham ao trabalhador da pena na província.

Se vós, como bem lembrou Mário da Silva Brito, trabalhais nas horas de cansaço, podeis ver feliz e relativamente, o fruto dêsse trabalho. Nós, entretanto, em nossas afanosas lides, laboramos na quietude de nossas madrugadas, sabendo que o quadro que compomos será aquê de sempre, que se iniciou um dia com os sueltos e esquecidos versos de nossa iniciação, os quais terão sempre e sempre um só endereço: a escura gaveta da cômoda, a canastra do quarto, ou quiçá um espremido canto de jornal domingueiro, depois de rôgos muitos e incertas promessas.

Essa situação não é desconhecida, está aqui mesmo, perto de nós, não temos editôras, não temos leitores, nada ou quase nada ganhamos dos jornais.

Nesta crítica, não vai a pretensão de resolvermos com uma penada, uma situação, cuja raízes, são as mais complexas dentro de uma crise econômica, social e mesmo moral, que agrilha o processo evolutivo-histórico de nossa terra e de nossa gente.

Por outro lado, somos contra a confusão de valores, que é fomentada pela fácil divulgação das metrópoles. Infelizmente, nestes dias em que as publicações abrem suas colunas e as editôras as orelhas dos seus livros, para a adjetivação que hesunta nomes de duvidosos talentos, nós aqui da província, levados pela defeituosa perspectiva das distâncias, contemplamos confundidos essa desatinada incensação de solertes mediocridades.

Ainda somos pelo anônimo trabalho do esquecido escritor provinciano, que hoje já constrói fundamentos seguros de estudo à sombra dos centros universitários, que entretanto, e por outro lado, perigam, infelizmente, em cair numa iminente e condenável vulgarização.

Assim, não estamos completamente isolados. Pouco nos conhecemos, é bem verdade. Quase nunca, os nossos responsáveis nos chamam a consêlho.

Somos quase o supérfluo dentro de uma sociedade que não nos conhece, senão como diletantes de uma época superada.

Contra essa situação é que aceitamos a destra da U. B. E., para uma luta comum, a boa luta que constrói um país «com homens e com livros».

Temos a consciência da realidade presente. Temos atenção ao futuro, e também não olvidamos os manes do passado: nesta Casa que aqui hoje vos encontráreis velam pela nossa tradição os nomes de César Bierrenbach, de Dom Nery, de Rodrigo Otávio, de Quirino dos Santos, de Leopoldo Amaral, de Benedito Otávio, Plínio Barreto, Júlio de Mesquita e outros tantos.

São bem nossas, também, as recordações do velho cesarão do «Culto à Ciência» em cujas salas ainda ecoam as preleções de Coelho Neto, Júlio Ribeiro — Basílio de Magalhães, e por cujos escuros corredores passaram os passos miúdos de Menotti Del Picchia, de Santos Dumont e muitos outros.

É bem campineiro o orgulho de termos conterrâneos como Monsenhor Castro Nery, Guilherme de Almeida, Monsenhor Salim, Mário Donato e Guilherme Figueiredo.

Por tudo isso, senhores diretores da União Brasileira de Escritores, é que nos sentimos à vontade para receber-vos nesta noite.

Não temos muito a oferecer. As cornijas das cumeiras dos nossos solares estão ausentes de andorinhas. Mas, ainda de vez em quando, os nossos pianos saberão enternecer-vos com a música de Carlos Gomes.

Eis como somos. Eis o que queremos. Os trabalhadores da pena de Campinas, não vão deixar bastas cabeleiras como os poetas do romantismo, nem tão pouco vão ensimesmar-se na modestia de sua oficina. Pretendemos ser ativos partícipes dêsse insopitável movimento, que vai aí pelas ruas, numa ânsia de querer bem à Pátria.

Se quereis a nossa contribuição assim definida, aqui estamos para a começar já.

(Oração proferida em 14-8-1.958, no Salão Nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, quando da instalação do Núcleo Municipal da U. B. E.).